

Como Era Doce o Meu RIO!

Ivacy e Ieda Oliveira



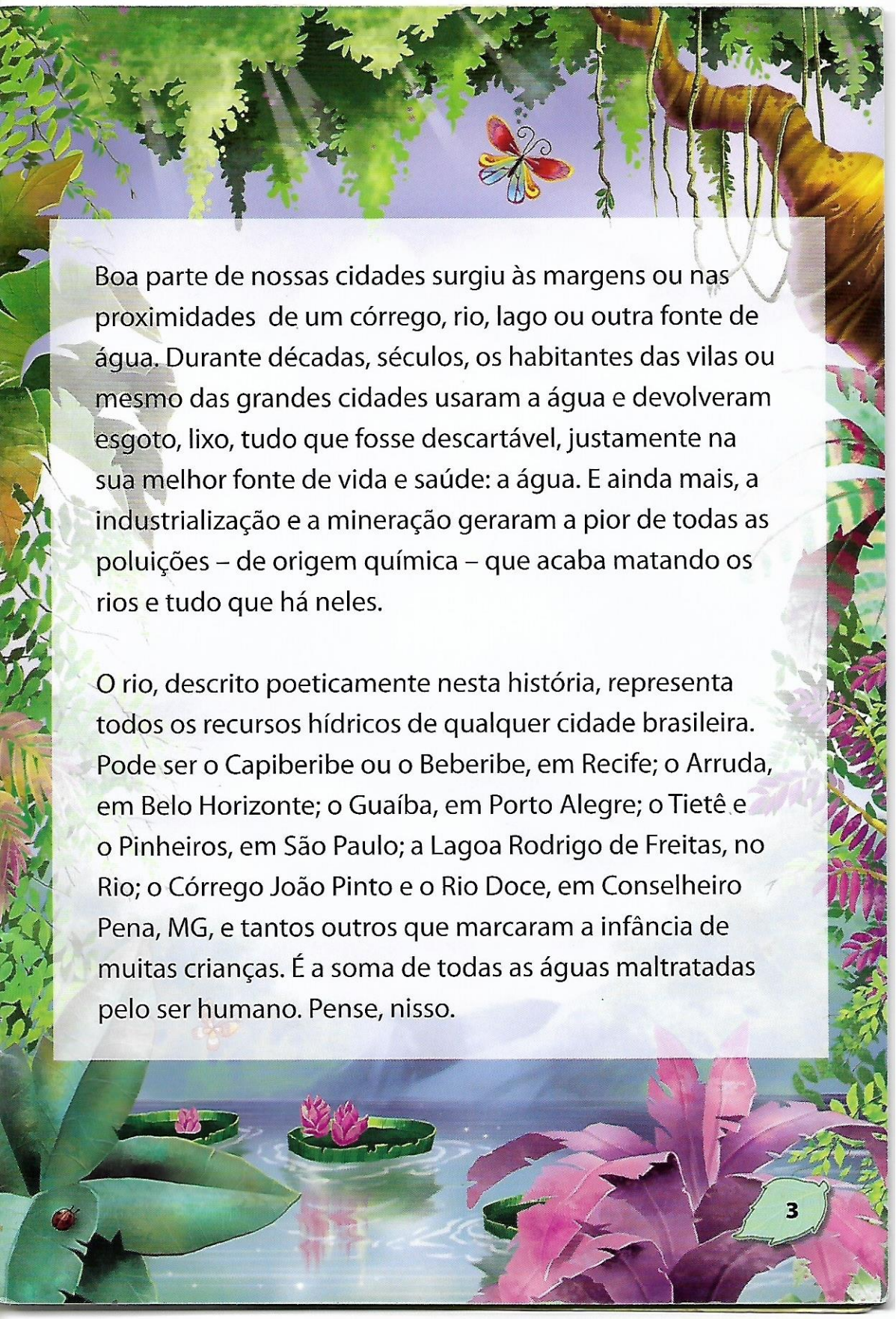
Como Era Doce o Meu RIO!

Para alguém que tem idade de gente grande
e coração de criança.

Ivacy e Ieda Oliveira

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí – SP

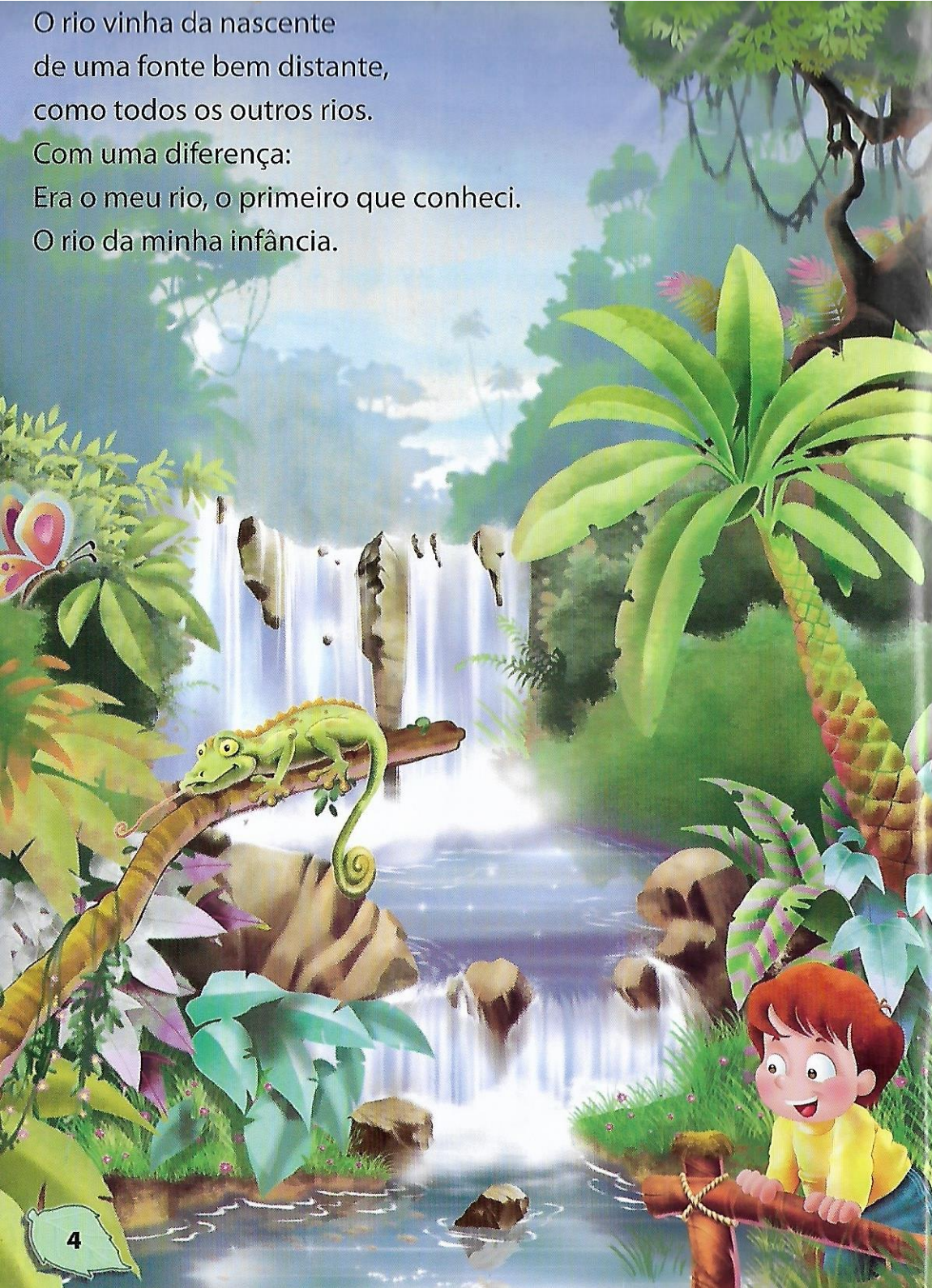




Boa parte de nossas cidades surgiu às margens ou nas proximidades de um córrego, rio, lago ou outra fonte de água. Durante décadas, séculos, os habitantes das vilas ou mesmo das grandes cidades usaram a água e devolveram esgoto, lixo, tudo que fosse descartável, justamente na sua melhor fonte de vida e saúde: a água. E ainda mais, a industrialização e a mineração geraram a pior de todas as poluições – de origem química – que acaba matando os rios e tudo que há neles.

O rio, descrito poeticamente nesta história, representa todos os recursos hídricos de qualquer cidade brasileira. Pode ser o Capiberibe ou o Beberibe, em Recife; o Arruda, em Belo Horizonte; o Guaíba, em Porto Alegre; o Tietê e o Pinheiros, em São Paulo; a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio; o Córrego João Pinto e o Rio Doce, em Conselheiro Pena, MG, e tantos outros que marcaram a infância de muitas crianças. É a soma de todas as águas maltratadas pelo ser humano. Pense, nisso.

O rio vinha da nascente
de uma fonte bem distante,
como todos os outros rios.
Com uma diferença:
Era o meu rio, o primeiro que conheci.
O rio da minha infância.

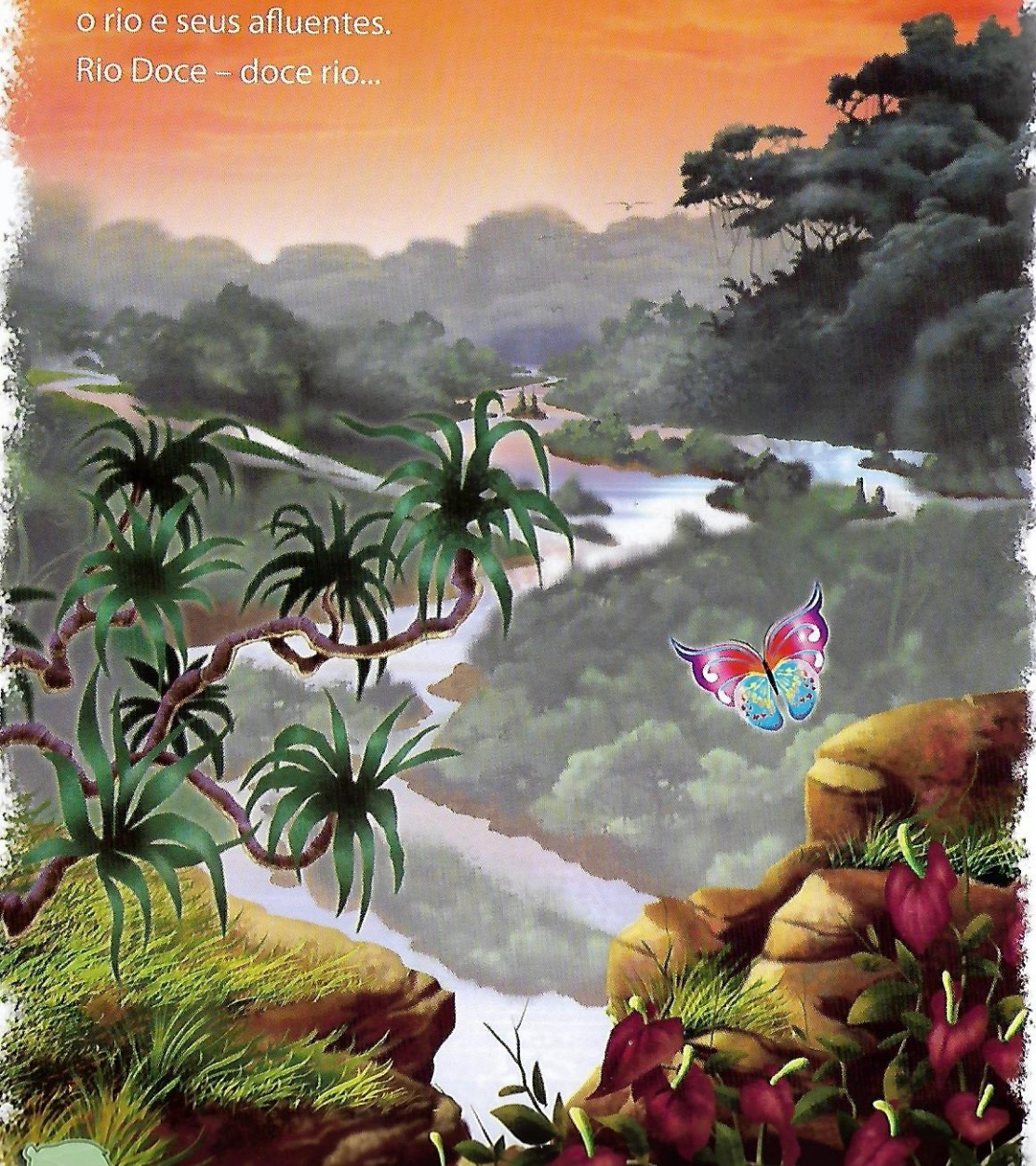


Suas águas límpidas desciam a colina,
deslizando leve e preguiçosamente entre as pedras,
como se brincassem num escorregador.
Era o rio-criança, rio-menino, rio-alegria, rio-saúde.

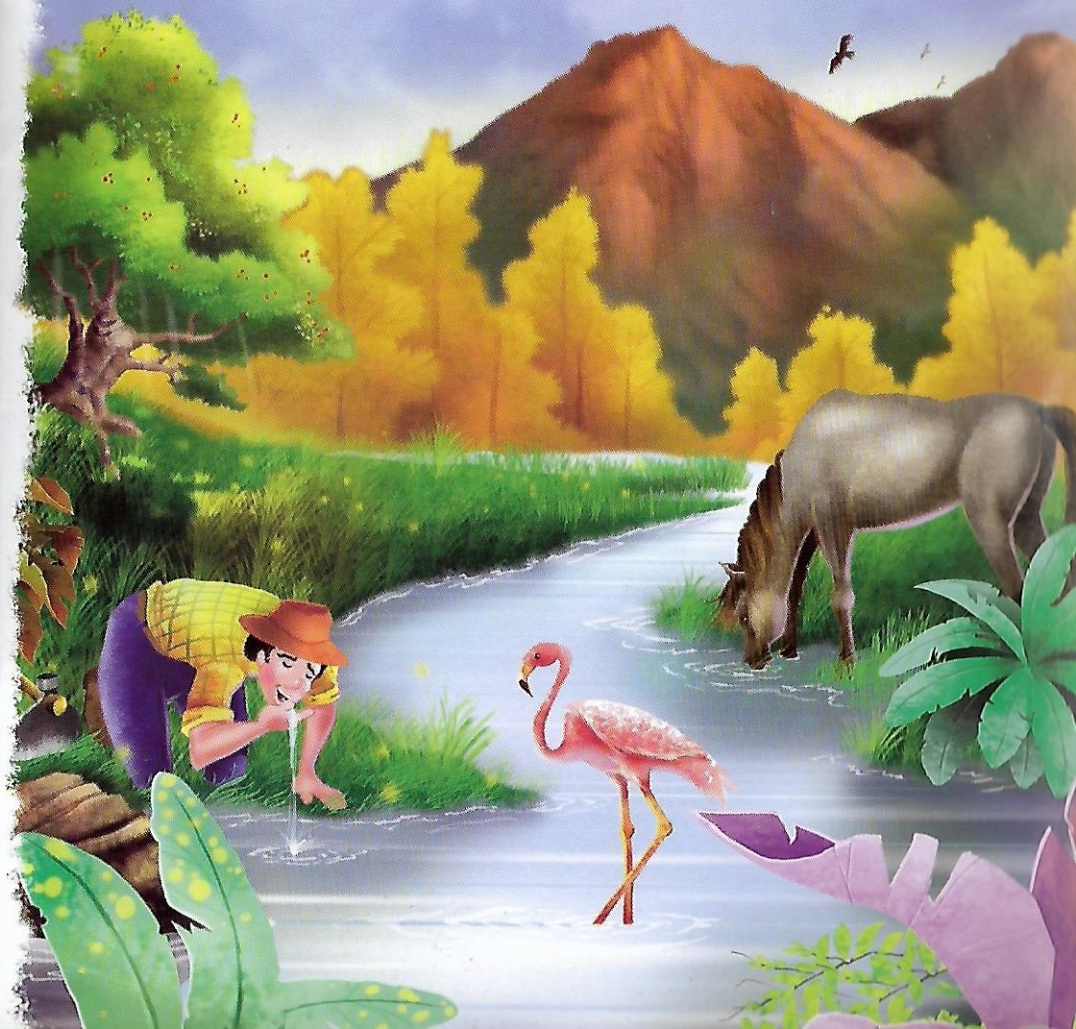
Pouco a pouco, à medida que corria,
o rio ia recebendo as águas de outras fontes,
todas claras e bem-vindas.

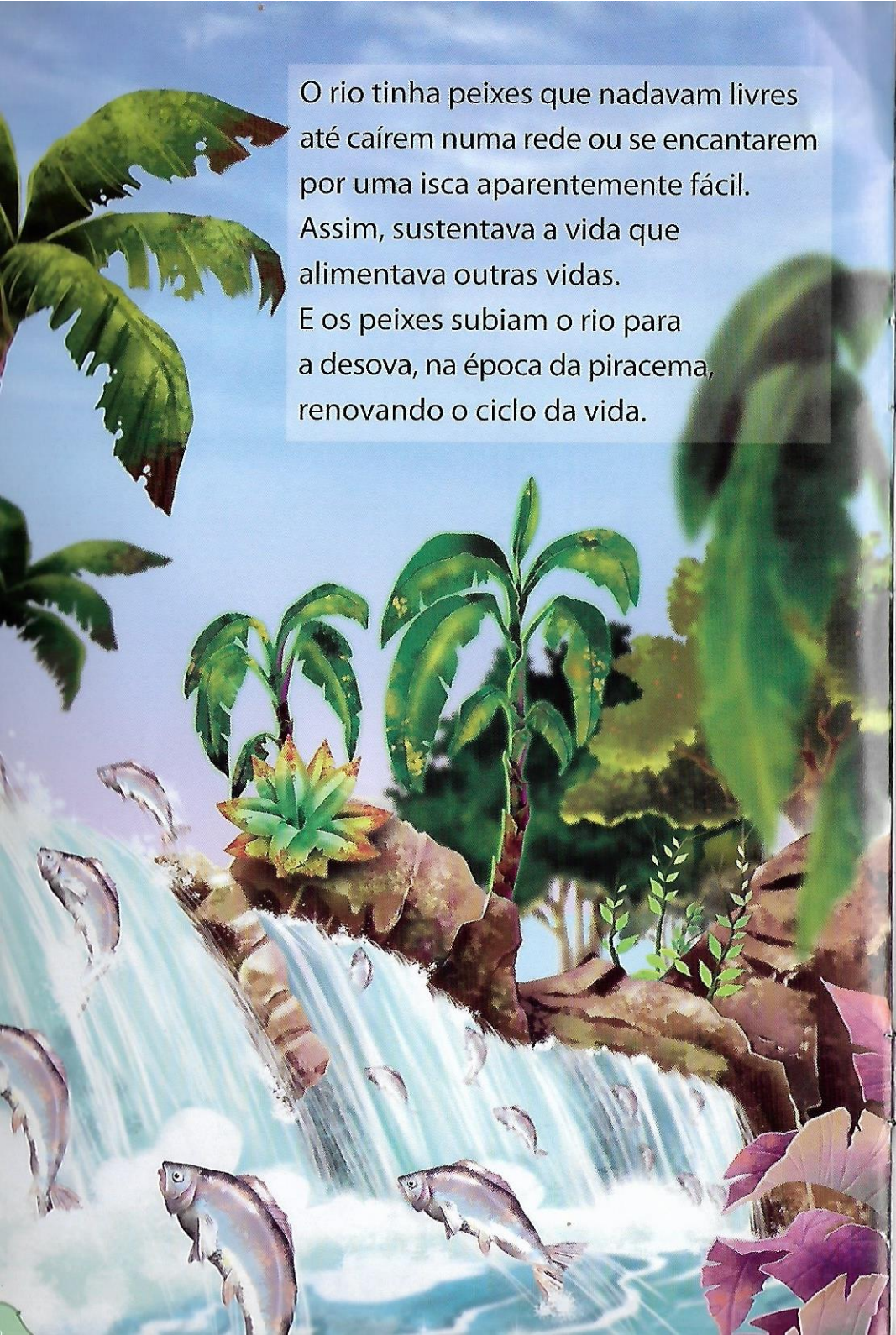
Como amigos de jornada, iam em frente,
o rio e seus afluentes.

Rio Doce – doce rio...




Seguindo as curvas e quedas,
que a natureza e o tempo traçaram,
O rio corria, às vezes tranqüilo e manso,
às vezes rápido, ligeiro, mas sempre útil.
Saciava a sede do trabalhador cansado,
de aves, pássaros, animais selvagens ou domésticos,
sem distinção, sem preconceito.





O rio tinha peixes que nadavam livres até caírem numa rede ou se encantarem por uma isca aparentemente fácil. Assim, sustentava a vida que alimentava outras vidas. E os peixes subiam o rio para a desova, na época da piracema, renovando o ciclo da vida.

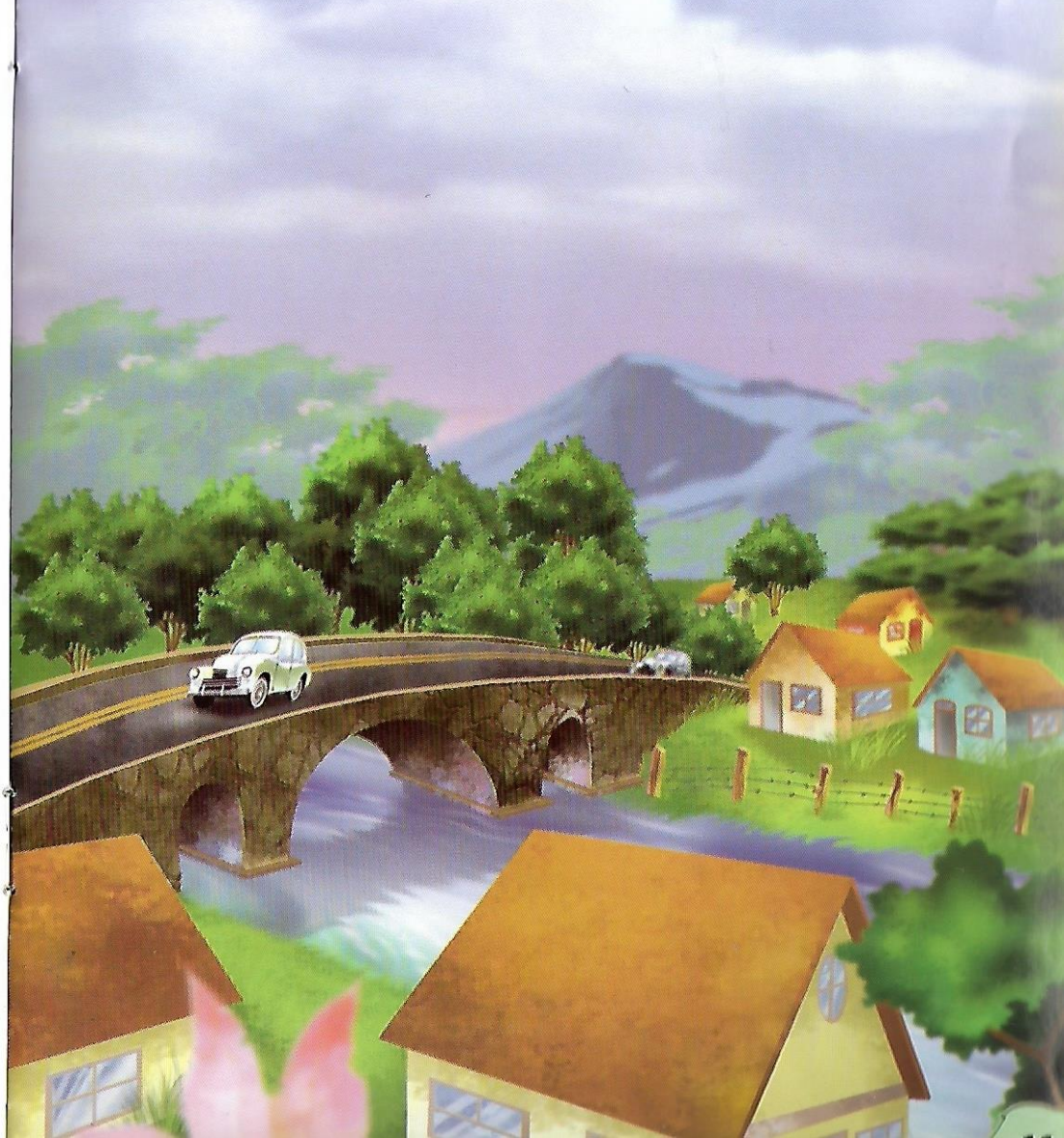


Mas o rio dava muito mais. À medida que corriam, suas águas desciam com mais força. Alguém teve a idéia de retê-las numa grande represa, uma usina hidrelétrica! Suas águas desciam ainda mais fortes pelas tubulações, fazendo girar as turbinas que geravam energia para mover indústrias, trazer prosperidade, adoçando e iluminando vidas. Rio Doce – doce rio...

Lá bem longe, em seu caminho,
havia uma pequena cidade,
e o rio grande, adulto, lhe dava água,
peixes, alegria e vida.
Tudo inocente e puro, como as suas águas.
Um dia alguém ficou tão encantado
que confirmou seu nome – Rio Doce.



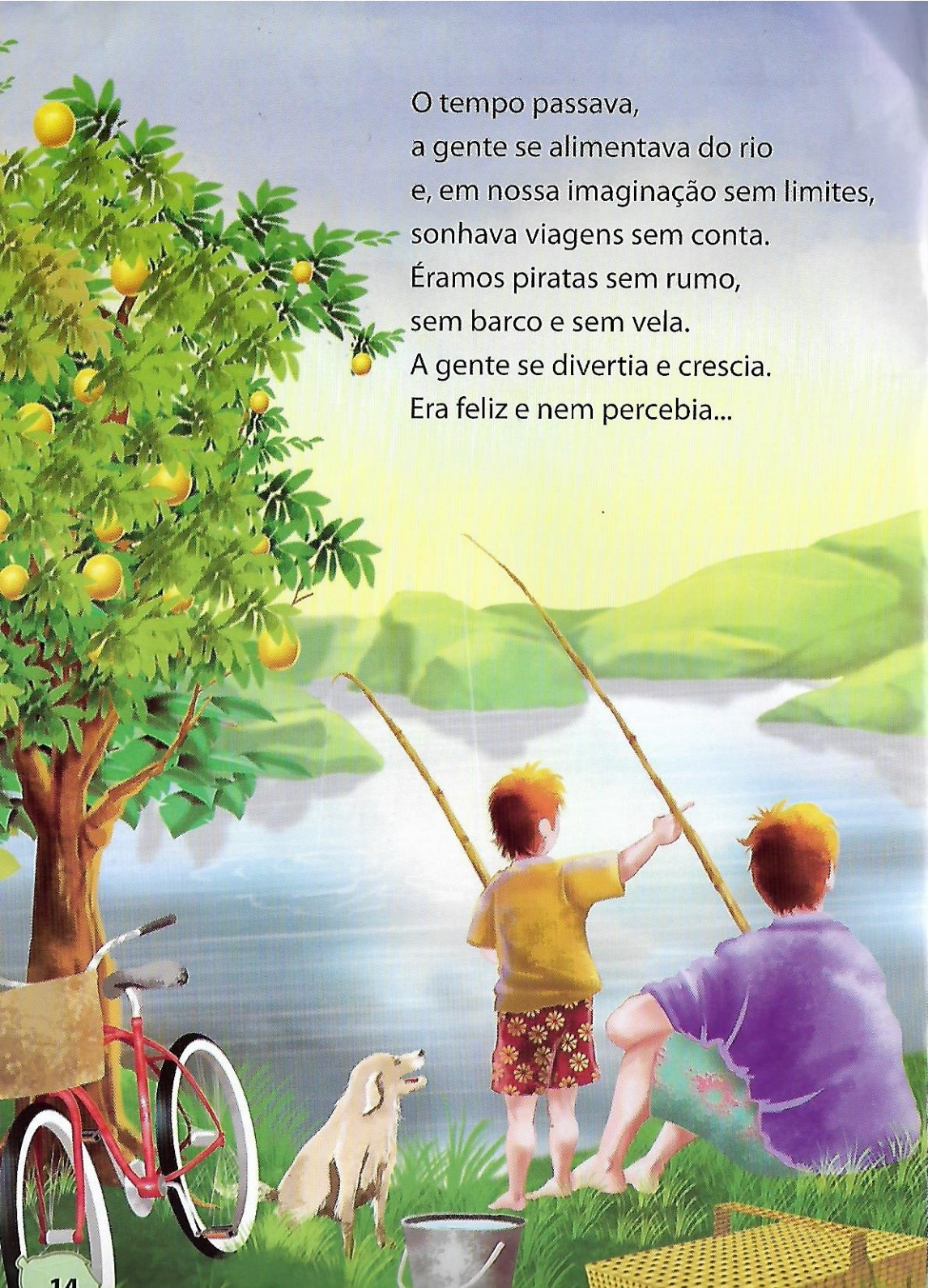
Uma ponte corria sobre o rio
E o rio sob a ponte.
A vida, as pessoas e os carros
Corriam sobre a ponte.
A gente só ria, bebia da fonte,
Atravessava a ponte e sorria.




Brincava na água
e afogava as mágoas da infância.
Sem nada pra pensar, era só
fingir nadar, e nada perturbava
nossa inocência.
Meninos como o rio-preguiça,
víamos a vida correr, sem pressa.
No Rio Doce – doce rio...



E as águas corriam, como a vida,
enquanto o mundo corria sobre
a ponte, ignorando a fonte,
a alegria e a vida que corriam
sob a ponte.



O tempo passava,
a gente se alimentava do rio
e, em nossa imaginação sem limites,
sonhava viagens sem conta.
Éramos piratas sem rumo,
sem barco e sem vela.
A gente se divertia e crescia.
Era feliz e nem percebia...



E depois disso tudo,
O rio já não era o mesmo.
Ao passar pela cidade,
em troca da água, recebia esgoto.
Pela alegria que trazia e a vida que dava,
devolviam-lhe restos, lixo,
tudo que era rejeitado ou descartável.
Plásticos, pneus velhos, latas...

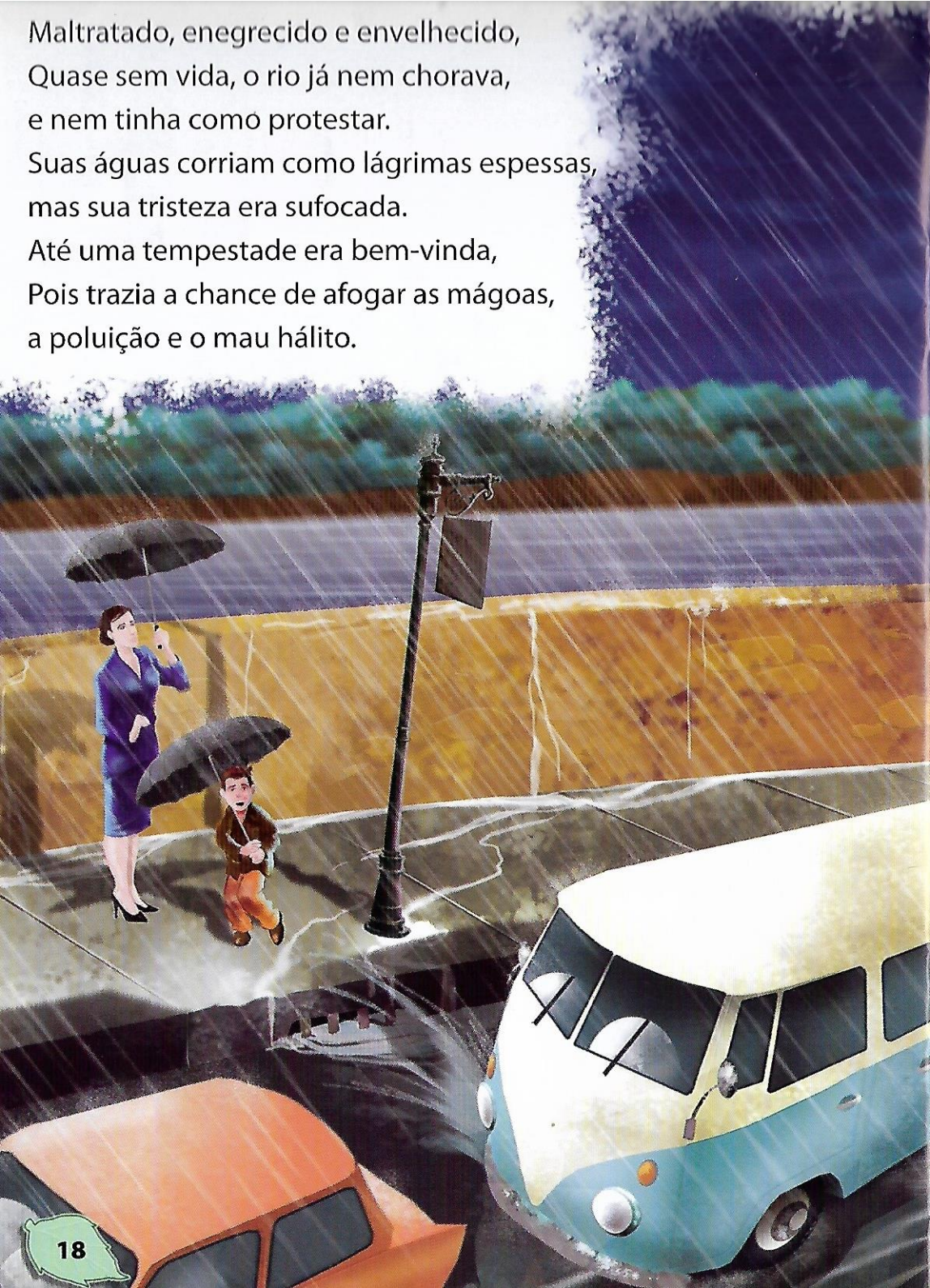
Um dia, alguém viu até um sofá atirado ao rio!
E as pessoas ainda reclamavam:
"Quanta poluição!"
"Como fede esse rio!"
Já não é doce o Rio Doce.
Doce amargo...



E lá se ia o rio, triste, seguindo seu rumo.
Parecia não ser mais o mesmo.
Mas entre uma cidade e outra,
Como que num milagre,
Recebia novos afluentes,
Reagia e se renovava,
até chegar a outra cidade,
onde tudo se repetia.
Plásticos, móveis velhos,
pneus usados e até animais mortos.
Poluição, poluição, só poluição...
Já não é doce o meu Rio Doce.



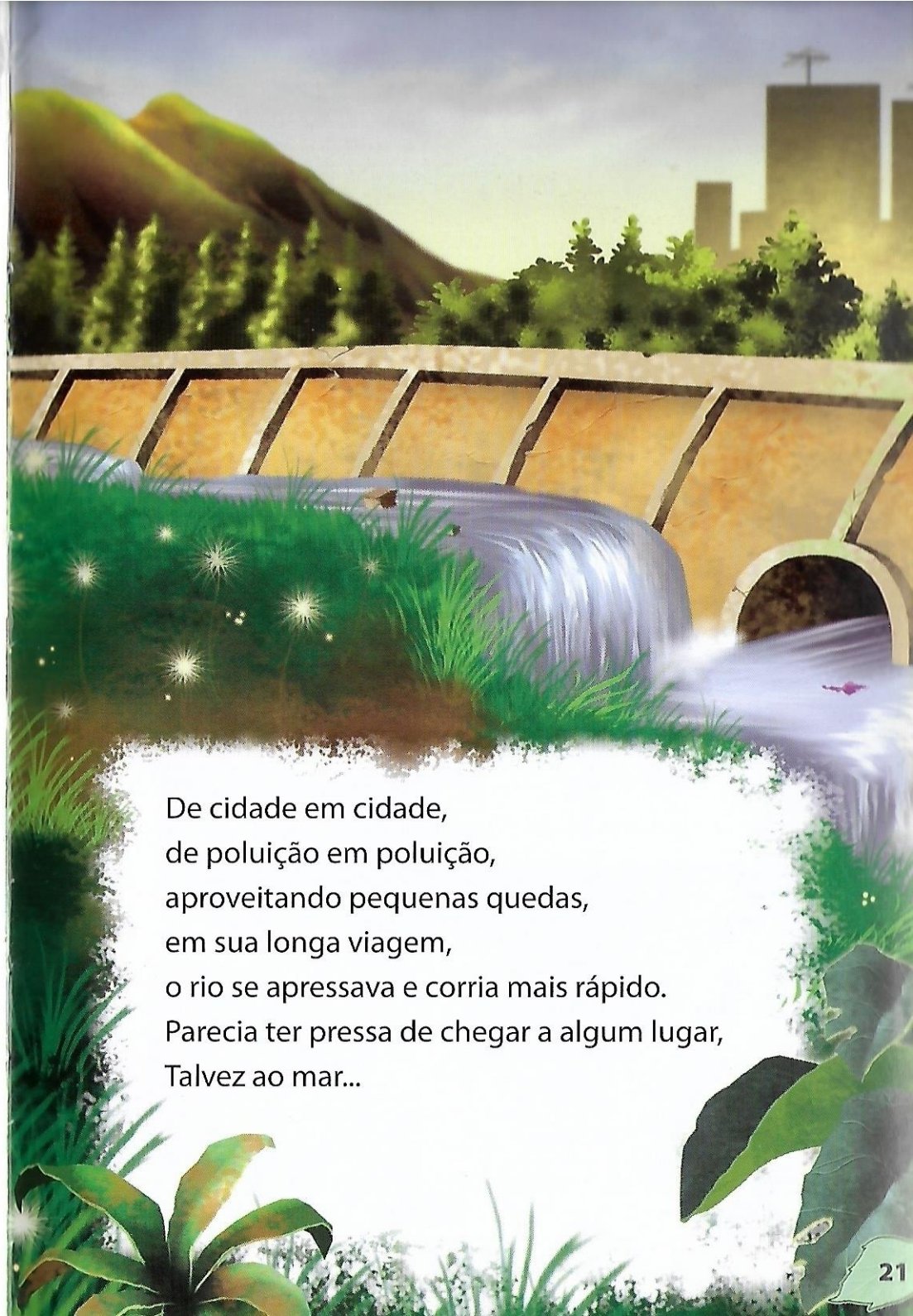
Maltratado, enegrecido e envelhecido,
Quase sem vida, o rio já nem chorava,
e nem tinha como protestar.
Suas águas corriam como lágrimas espessas,
mas sua tristeza era sufocada.
Até uma tempestade era bem-vinda,
Pois trazia a chance de afogar as mágoas,
a poluição e o mau hálito.



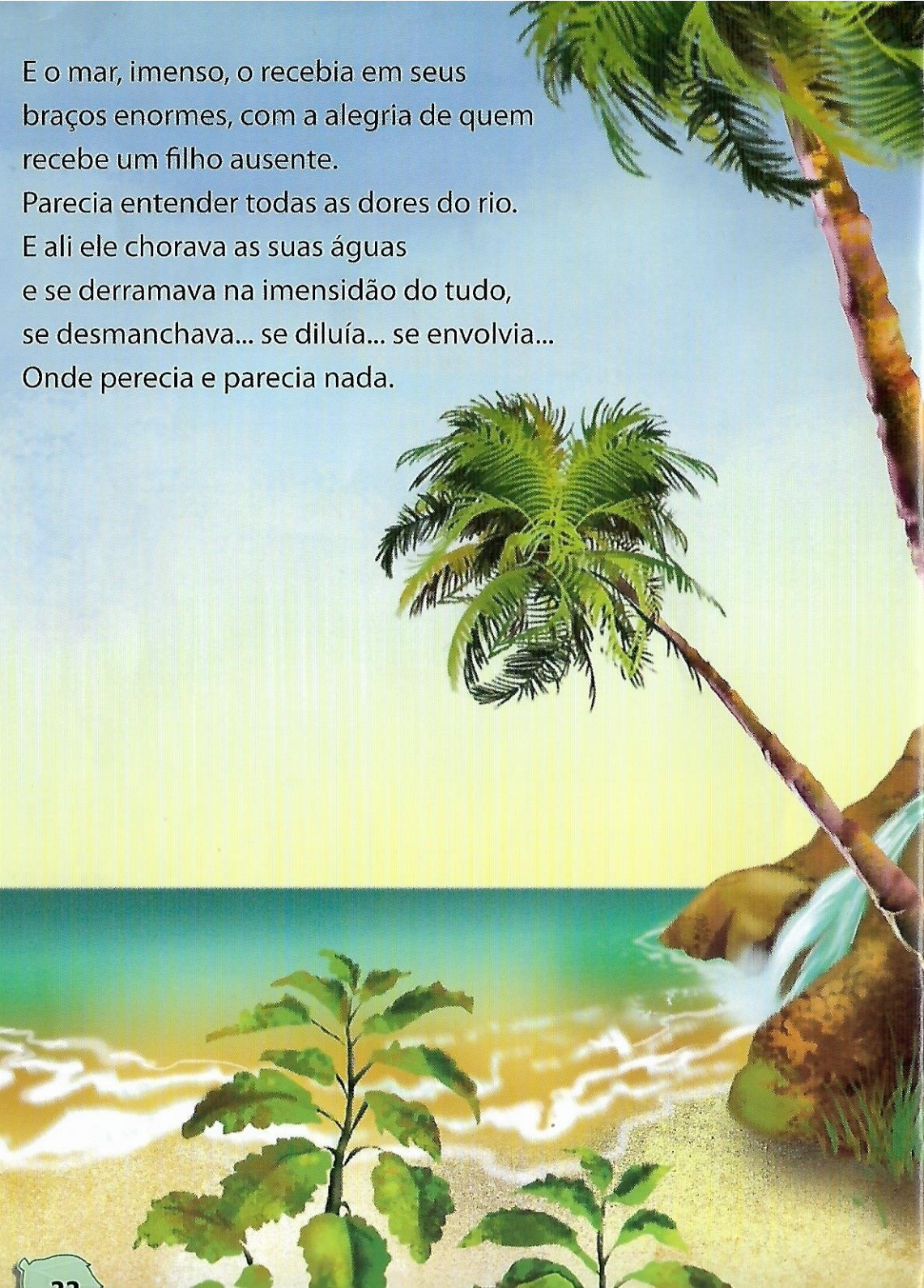
Quem mudou? Foi o rio
ou fomos nós?
O rio não se polui sozinho.
Por estranho que pareça, é gente que
polui rios, córregos e até o mar.
Constrói indústrias e lança nos
cursos d'água tudo que sobra
ou não presta.
Destrói as matas ciliares e provoca
o desassoreamento das margens.



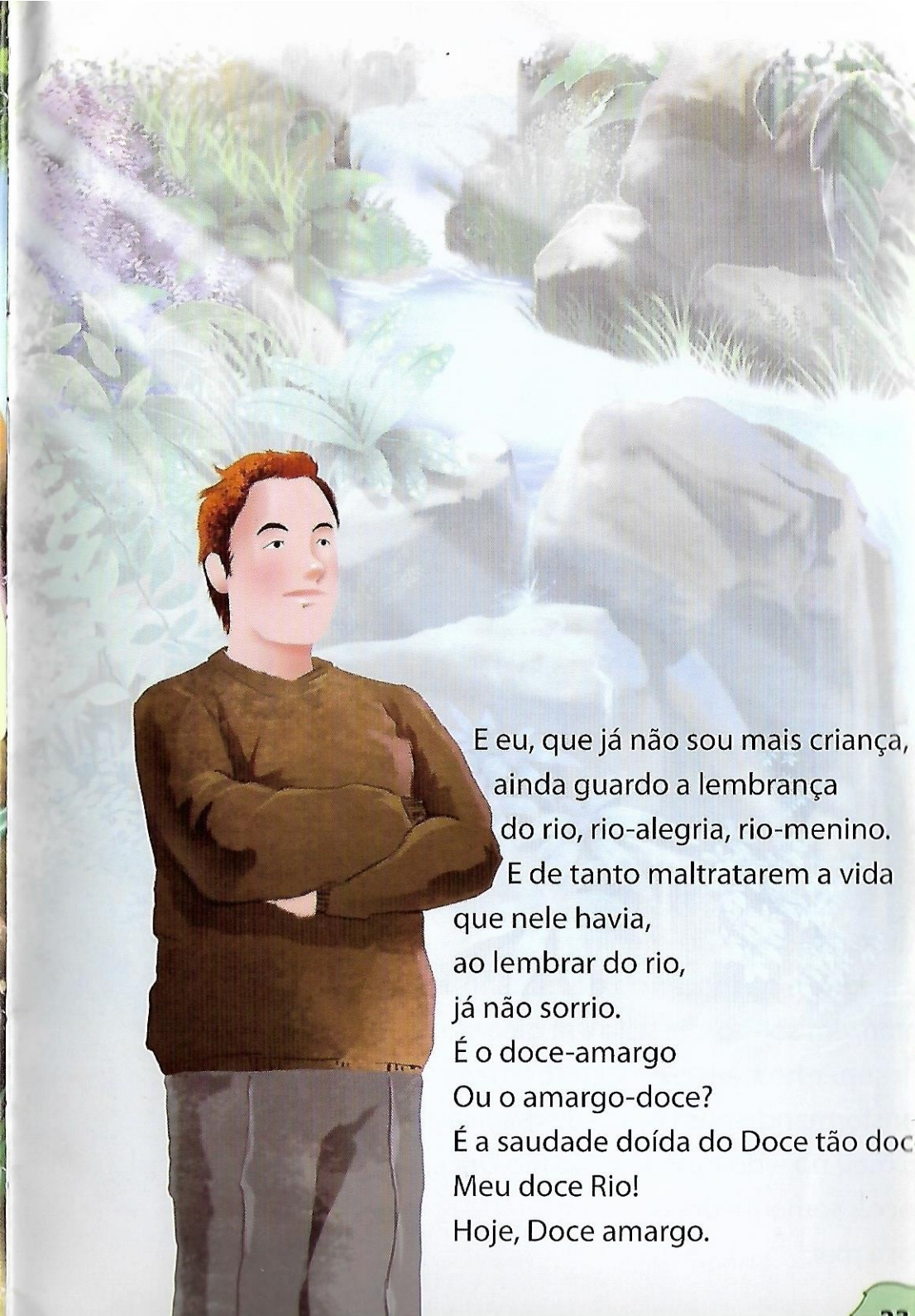
Assim, as águas são insuficientes na seca e sobram quando há muita chuva, provocando alagamento e inundações. E os mais prejudicados são os sem-teto e sem-chance que vivem em pequenas e grandes cidades às margens de rios e córregos, que eram doces. Hoje doces amargos...



De cidade em cidade,
de poluição em poluição,
aproveitando pequenas quedas,
em sua longa viagem,
o rio se apressava e corria mais rápido.
Parecia ter pressa de chegar a algum lugar,
Talvez ao mar...



E o mar, imenso, o recebia em seus braços enormes, com a alegria de quem recebe um filho ausente. Parecia entender todas as dores do rio. E ali ele chorava as suas águas e se derramava na imensidão do tudo, se desmanchava... se diluía... se envolvia... Onde percia e parecia nada.



E eu, que já não sou mais criança, ainda guardo a lembrança do rio, rio-alegria, rio-menino. E de tanto maltratarem a vida que nele havia, ao lembrar do rio, já não sorrio. É o doce-amargo Ou o amargo-doce? É a saudade doída do Doce tão doce Meu doce Rio! Hoje, Doce amargo.



Que saudade do rio-menino que me viu crescer,
da alegria e da inocência do menino-eu!
Então, em sonho, me vejo um gigante,
um super-homem com superpoderes,
transformando num passe de mágica a vida
do meu rio – do nosso rio, do Rio Doce, doce rio.
Doce... somente doce.
Doce mel.

Quem não passou a infância vivendo mil aventuras próximo a um rio?
Quem não brincou em suas águas nas tardes quentes de verão ao lado da patota amiga?

Quem não saboreou algumas frutas da época, doces, doces como mexericas, bananas, goiabas e tantas outras?

Quem não se divertiu pra valer, sonhando em ser marinheiro, singrando águas muito maiores, além-mar?

Quem não ouviu histórias emocionantes de rios aventureiros?

Então... curta mais esta – a saudosa e doce história de um rio – doce rio. O rio, descrito poeticamente nesta história, representa todos os recursos hídricos de qualquer cidade brasileira. Pode ser o Capiberibe ou o Beberibe, em Recife; o Arruda, em Belo Horizonte; o Guaíba, em Porto Alegre; o Tietê e o Pinheiros, em São Paulo; a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio; o Córrego João Pinto e o Rio Doce, em Conselheiro Pena, MG, e tantos outros que marcaram a infância de muitas crianças. É a soma de todas as águas maltratadas pelo ser humano.

IVACY E LEDA OLIVEIRA são autores de *A tartaruga apaixonada*, *Te quero verde*, *Alegria azul*, *tristeza molhada*, *Centoleta*, *borbopéia*, *centopéia*, *Classificados di-versos*, *O lobão e o cordeirinho*, *Cadê o patinho feio?*, *Trava-línguas & trocadilhos*, entre outros.

THIAGO DE PASSOS LOBO nasceu em Osasco, São Paulo. Aos 6 anos de idade já mostrava interesse pela arte. Teve seu primeiro trabalho publicado aos 17 anos; de lá para cá não parou mais. Atualmente está cursando artes plásticas. Faz ilustrações para agências e editoras nacionais e internacionais. Mas o que mais gosta é de ilustrar para o público infantil.



Casa Publicadora Brasileira
Casa Tatuí – São Paulo

